

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DAS FONTES DO
RIBEIRÃO E DAS PEDRAS EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO

Maria de Fátima Carneiro Barbosa (UEMA)

Marcia Tereza Campos Marques (UEMA)

Aspectos Históricos e Características Arquitetônicas das Fontes do Ribeirão e das Pedras em São Luís do Maranhão

O presente estudo teve por objetivo estudar sobre os aspectos históricos e as características arquitetônicas relacionadas às fontes do Ribeirão e das Pedras em São Luís do Maranhão, no qual resgata a importância social das fontes de água para a população ludovicense. Neste trabalho aborda-se também o estilo colonial presente nas fachadas das fontes, suas galerias subterrâneas e as lendas que envolvem esses espaços e suas edificações. Houve também a intenção ao realizar este estudo de despertar a conscientização da sociedade e do poder público em todas as suas esferas para um olhar mais responsável sobre estes monumentos e por consequência se preocupar com a integridade deste e criassem programas de recuperação e preservação deste patrimônio cultural, de tanta importância no passado e que hoje se encontra muito depredado. (1)

1 INTRODUÇÃO

As fontes públicas são edificações construídas com a finalidade de abastecer de água a população de uma cidade, principalmente as mais pobres. Essas edificações contribuíram muito para o crescimento e desenvolvimento das cidades. Em São Luís, foram construídas a partir do século XVII e representam uma das primeiras preocupações com problemas básicos de abastecimento urbano e saneamento, simbolizando o passado histórico de formação da sociedade ludovicense. Dentre muitas, destacaremos a Fonte das Pedras e a Fonte do Ribeirão, por serem umas das poucas que resistiram ao tempo e ao estado de abandono. Mas ao longo do nosso trabalho conseguimos identificar onze fontes que existiram em São Luís. Essas fontes foram de grande importância para a cidade, tanto nos aspectos econômico e social quanto arquitetônico, histórico, urbanístico e cultural, portanto a pesquisa visa a analisar o estilo colonial português, predominante nos elementos que compõem as fontes das Pedras e do Ribeirão em São Luís do Maranhão, bem como suas características arquitetônicas e a história de sua fundação, pois representam estimável herança da arquitetura colonial e aprazível ponto turístico da capital. E devido a ausência de estudos sistemáticos sobre as fontes históricas serviu de estímulo para realização deste trabalho.

A metodologia utilizada consistiu na fundamentação teórica, em que primeiramente estuda-se o abastecimento de água na capital ludovicense do século XVII até o XIX, conhecendo as disponibilidades de serviços públicos a que a população daquela época tinha acesso. A importância das fontes, chafarizes e suas contribuições para o abastecimento de água da população, conhecendo ainda um outro modo de abastecimento de água feito pelos “aguadeiros” (tipo social que vivia da vendagem de água). O processo de abandono e descaso enfrentado pelas fontes contribuiu para o surgimento do fornecimento de água encanada em São Luís, pois elas já não eram suficientes para suprir as necessidades da população. Depois de estudarmos o abastecimento de água, partimos para estudo das duas fontes escolhidas. Iniciamos o estudo com um breve histórico de cada fonte, identificamos e conceituamos cada elemento arquitetônico que compõe as fontes das Pedras e do Ribeirão (Pilastra, Frontão, Friso, Coruchéu entre outros). Identificamos e estudamos também suas galerias subterrâneas e as lendas e mitos que envolvem essas edificações.

Para a revisão bibliográfica foram utilizados dentre outros autores, Raimundo Palhano, Mário Meireles, César Marques, Jomar Moraes com o livro Guia de São Luís do Maranhão e o livro Monumentos Históricos do Maranhão. Em relação a pesquisa de campo foi realizado um questionário com a população, para sabermos se ela visita com frequência as fontes estudadas e se são cientes da importância histórica desses monumentos para São Luís.

Por fim procuramos entender o descaso enfrentado por essas edificações de tanta relevância no passado, já que deveriam ser bem conservadas, pois fazem parte do acervo de Patrimônio Histórico e hoje são importantes pontos turísticos da capital, mas se encontram em péssimo estado de conservação, sendo pouco utilizadas pela população.

2 INÍCIO DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA DE SÃO LUÍS

Até o século XIX, a disponibilidade de serviços públicos na capital ludovicense era mínima. Serviços essenciais como abastecimento de água, estabelecimentos de esgotos e a remoção de lixo eram precários e quase inexistentes. E os que existiam eram privilégios das elites econômicas e políticas, aqueles que habitavam o local que hoje é o centro histórico e seus bairros centrais, justamente o espaço que compreende a área de formação inicial da cidade.

Nessa época o perfil do abastecimento de água em São Luís era: a população pobre que se abastecia indo diretamente às bicas, fontes, nascentes, poços, etc., as famílias que não possuíam sítios com poços ou fontes e não tinham escravos recorriam à vendagem livre de água, feita através de “aguadeiros, tipo social que vivia da venda de água” (PALHANO, 1988, p.174), mas por trás desses aguadeiros existiam os “negociantes” que exploravam e viviam desse ramo, “esse ramo da vendagem de água era feito por Donana Jansen e seu sócio José da Cunha Santos” (PALHANO, 1988, p.166), e a população economicamente favorecida que se abastecia com fontes e poços situados em sítios ou nos quintais de suas casas.

Mesmo com todos os problemas de abastecimento de água, não podemos deixar de destacar a importância social que as fontes tiveram para população ludovicense. Apesar de sua grande maioria no início ser de propriedade particular, foram bem mais acessíveis à população, o consumo através delas era bem mais democrático e barato. Aos poucos as fontes foram sendo adquiridas pelo poder público e em alguns casos isso implicou cobranças tarifárias aos consumidores, que com isso acabaram desaparecendo. Mas o descaso com que eram tratadas pelo poder público, impossibilitava a cobrança de tarifa.

Apesar de toda relevância e contribuição que tiveram para o abastecimento de água, as fontes foram se deteriorando e hoje a maioria não existe mais, principalmente pelo descaso com que eram tratadas pelas autoridades, “a ponto de, por volta de 1867, as principais como fontes das Pedras, do Bispo, do Apicum, do Mamoim e do Ribeirão, estarem em condições precaríssimas” (PALHANO, 1988, p.177).

As fontes, mesmo com toda contribuição que deram para o abastecimento de água, sempre foram tratadas com muito desprezo, não eram realizadas reformas, manutenção e nem limpeza. Por isso a qualidade da água em muitas era colocada em questão, pelo tamanho

estado de abandono e desprezo em que se encontravam. Era preciso proteger as nascentes das fontes, pois algumas já começavam a diminuir a quantidade de água, principalmente no verão, quando não dava para suprir as necessidades da população. Nesse período, a disponibilidade de água era insuficiente para o conjunto da população, o que provocava desordens no momento da obtenção de água.

Por causa de todos os problemas enfrentados pelas fontes e pelo fato de a grande maioria se encontrar arruinada, elas já não eram suficientes para o abastecimento da população, era preciso se pensar em um outro meio que suprisse as necessidades de abastecimento de água potável em São Luís. A primeira iniciativa do poder público em tornar o fornecimento de água encanada em São Luís data de 1850. Então, depois de quatro anos e de terem gasto 300:000\$000, em 1º de janeiro de 1862 a Companhia do Anil declarou que foram concluídas as obras. O aparecimento do chafariz em São Luís data dessa época. Não se sabe o ano de construção do primeiro chafariz, o que se sabe é que sua difusão se deu a partir de 1850-60, e que foram instalados pela Companhia do Anil, existindo vários espalhados pelas praças e largos de São Luís.

FOTO 1 - Chafariz na Avenida Silva Maia.



Fonte: MORAES, 1995, p.96.

A Companhia do Anil começou a enfrentar vários problemas e também conquistou vários opositores. A cláusula especial do contrato que dava à empresa o privilégio da venda de água por 60 anos desagradou os negociantes que viviam da vendagem de água e também a população, que não estava satisfeita por causa da elevação no preço da água.

Isso tudo acabou gerando uma crise. A Companhia impunha ao Estado que garantisse o cumprimento do privilégio da venda de água e o pagamento de juros sobre o capital investido nesse empreendimento. O presidente Campos Melo negou esses direitos, levando em conta o fato de que suas obras excederam os valores propostos no contrato. Segundo PALHANO, “a crise se prolongou até 1867, quando o então Presidente da Província, Franklin Américo de Menezes Dória, consegue enfim um acordo com os Diretores da Anil, acertando a sua

dissolução ao tempo em que combinaram a organização de uma nova empresa, desta feita com o inglês John Blount, cuja sede seria em Londres.” (PALHANO, 1988, p.167)

Este novo Contrato Blount tinha tudo pra dar certo, e sem contar que em sua direção estariam o capital e a tecnologia de um engenheiro inglês. O contrato, porém fracassou e a nova empresa não conseguiu cumprir a exigência contratual de incorporar a Companhia do Anil em dez meses. Como não foi possível efetivar o Contrato, a esperança de modernização desse setor logo desapareceu. O abastecimento de água encanada na cidade se revelava um problema, estando o ramo de vendagem de água novamente em alta, agravado só pela degradação das fontes, o que tornava o consumo de água difícil.

Em 1874, celebrou-se a terceira iniciativa do poder público em tentar consolidar o fornecimento de água encanada em São Luís. A Companhia das Águas permaneceu funcionando até os primeiros anos da década de 1920, quando desapareceu com a criação da The Ulen Manegemet, subsidiária americana.

The Ulen Manegemet, concentrou os serviços de água, esgoto, eletricidade e tração, na cidade, até 1946. Ao longo de sua existência prolongada, a Companhia das Águas teve uma trajetória extremamente atormentada diante dos problemas, frequentes e insolúveis, de abastecimento regular de água. (PALHANO, 1988, p.174)

O surgimento dessa ou de qualquer outra Companhia não eliminou os sistemas primitivos de abastecimento de água em São Luís por meio das fontes e “aguadeiros”. Até 1921, o serviço de vendagem de água ainda existia, especialmente para as camadas mais pobres, para as quais o serviço de encanamento permaneceu inacessível.

3 BREVE HISTÓRICO DAS FONTES DE ÁGUA

De acordo com KOCH, em sua obra Dicionários dos Estilos Arquitetônicos, fonte pode ser definida como:

Elemento arquitetônico ornamental difundido desde a Antiguidade em variadas formas decorativas. Nas fontes e nos lugares de distribuição de água, proveniente dos aquedutos, os romanos constroem as estruturas frequentemente imponentes dos Ninfeus, dedicados às Ninfas. No átrio da basílica cristã primitiva no claustro do mosteiro, encontra-se com frequência uma fonte em forma de taça, a fonte de ablução. Na fonte de pilar gótica, a água cai do pilar, em geral ricamente decorado por estátuas, numa bacia redonda ou poligonal. Como “bela fonte”, ela está presente na praça do mercado das cidades medievais. O Renascimento permanece ligado, na Alemanha, à fonte de pilar, às vezes sem figuras, enquanto nos países latinos predomina a fonte de taça de forma clássica. Na fonte barroca são colocadas personagens da antiga mitologia marinha: Posêidon, náiades, cavalos marinhos; a fonte de parque se transforma em chafariz com cascatas e repuxos. (KOCH, 2001, p.150-151)

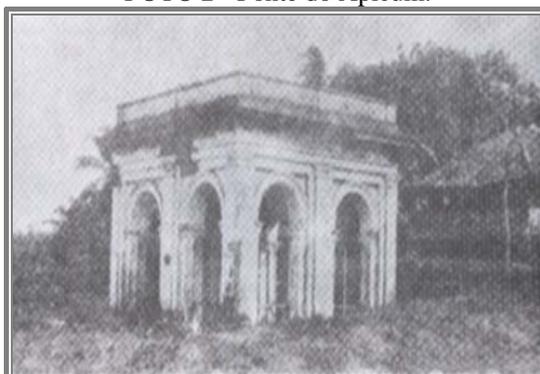
As fontes estão inseridas no contexto arquitetônico como Obra Civil Utilitária por atender às inúmeras necessidades públicas e por contribuir com o abastecimento e crescimento das cidades coloniais, estando fortemente ligadas aos acontecimentos históricos, como batalhas

que marcaram a tomada dessas cidades e com a finalidade principal para que foram construídas - abastecimento de água e suprimento das necessidades de saneamento.

Em São Luís os nomes das fontes eram dados de acordo com o lugar em que se achavam situadas, e geralmente ocupavam um determinado bairro, criando assim uma verdadeira rede de abastecimento por toda a cidade. Segundo MARQUES (1970) existiam as seguintes fontes:

- Fonte das Pedras - é a primeira a ser construída na cidade e durante muito tempo foi considerada a melhor, por causa da qualidade de sua água. Abordaremos dessa fonte no próximo capítulo. (VER MAPA 3.12)
- Fonte da Olaria - acredita-se ter existido na vizinhança das praias da Fonte das Pedras por volta de 1723. “Às vezes encontramos estas expressões em relação a ela... na rua que vem de Santo Antônio para Olaria... praia e fonte da Olaria para Nossa Senhora do Desterro” (Carta-de-Data de terras concebidas a Manuel de Góis pela Câmara Municipal em 20 de novembro de 1723). (VER MAPA 3.12)
- Fonte da Salina - sabe-se que existiu por volta de 1793, mas não se sabe o local onde foi construída “Soubemos dessa fonte por um registro de realengo, que a câmara cedeu a Sebastiana Gertrudes em 10 de dezembro de 1793, porém ignoramos o lugar onde esteve” (MARQUES, 1970, p. 278).
- Fonte do Gavião - não se sabe o local exato onde foi construída, acredita-se que foi no local que até hoje conserva este nome. “Soubemos também desta por um registro de realengo, concedido pela câmara a Manuel Jorge de Miranda” (MARQUES, 1970, p.278). (VER MAPA 3.12)
- Fonte da Telha - foi construída em 1774, em 17 de julho de 1773. Joaquim de Melo e Póvoas mandou uma representação ao Senado da Câmara da Capital, propondo a construção dessa fonte. “Ficava entre a cadeia e o Marajá, onde o Padre Roque Jacinto Lopes Tourinho teve uma fábrica de pilar arroz, segundo o que pudemos colher, mais ou menos confusamente” (MARQUES, 1970, 278). (VER MAPA 3.12)
- Fonte do Açogue - foi construída por volta de 1809. A câmara pediu autorização ao Dr. José Francisco da Silva Costa Furtado, ouvidor e corregedor da comarca, para construção de nova fonte nas proximidades da fonte das Pedras, devido à constante falta de água nesta cidade nos anos de poucas chuvas. (VER MAPA 3.12)
- Fonte do Apicum - foi construída no ano de 1827, a mando da câmara municipal através de um ofício dirigido ao Vice-Presidente Romualdo Antônio Franco de Sá, às margens do Apicum. Abastecia a população do bairro e das adjacências, suas águas tinham fama de ser muito limpas e boas. Compreendia um tanque com 46 palmos de comprimento por 51 palmos de largura, coberto por uma casa de pedra e cal, com portas arqueadas e cercadas por grades de ferro. A água corria por seis bicas. Além do tanque, havia também seis poços, dois dos quais, logo após sua construção, já não funcionava mais. (VER MAPA 3.12)

FOTO 2 - Fonte do Apicum.



Fonte: MORAES, 1995, p.90.

- Fonte do Bispo - é também uma das mais antigas da cidade. Foi construída pelos Portugueses no século XVII. Localizava-se no fim da rua das crioulas, ex-largo do Santiago, bairro de São Pantaleão. Ficava próxima ao mar, na praia entre Santiago e a Quinta da Boa Hora do Cirurgião, por esse motivo estava sujeita à invasão de água salgada nos dias de grandes marés. A fonte resume-se à pequena cacimba de poucos centímetros de profundidade e formato retangular, tinha dois poços. (VER MAPA 3.12) Recebeu esse nome em razão do seguinte fato:

D. Frei Timóteo do Sacramento, terceiro bispo da Diocese do Maranhão, cujo governo assumiu em 1697, não tardou a inimizar-se com as autoridades e ponderável parcela da população de São Luis, em virtude de várias medidas adotadas em nome da moralidade e da doutrina católica.

Como desfecho das sucessivas desavenças com o governo colonial, foi posto sob temporalidades e preso em seu palácio, então localizado no Largo de Santiago. Não podendo receber visitas nem tendo como renovar a provisão de víveres, em poucos dias o bispo, sob forte cerco de uma guarnição, teve que romper o isolamento para, de vasilha em punho, apanhar água na fonte próxima. Assim dessententou-se e deu à pequena nascente o nome de Fonte do Bispo. (BRASIL, 1979, p.106)

- Fonte do Mamoim Foi construída em 1796, pelo Brigadeiro Anacleto Henriques Franco. Tinha um paredão e duas carrancas das quais escorriam água para um pátio fechado com dois paredões. Logo após sua construção caiu e ficou quase inutilizada. “Cremos que deteriorou-se em breve tempo, porque numa Portaria dirigida em 28 de novembro de 1827 pelo Senado da Câmara aos juízes almotacés, se fala na limpeza da fonte” (MARQUES, 1970, p.279). (VER MAPA 3.12)
- Fonte do Marajá - foi construída em 1828, era uma fonte de propriedade particular, pertencia ao cidadão Manoel José de Medeiros e foi ele mesmo que a tornou de serventia pública “fazendo junto à sua Quinta do Marajá uma parede com um frontispício, e aí colocou duas bicas, de onde corria água, e ofereceu ao público este melhoramento”(MARQUES,1970,p.279).(VER MAPA 3.12)
- Fonte do Ribeirão - foi construída em 1796, pelo governador D. Fernando Antônio de Noronha, devido à necessidade de saneamento e melhoria do serviço de abastecimento de água à população. Foi a que melhor conseguiu ser preservada, pois até hoje existe, embora como monumento histórico. Estudaremos melhor esta fonte mais adiante. (VER MAPA 3.12)

Mapa da Suposta Localização das Fontes



Fonte: ANDRÉS, 1998, p.37.

- LEGENDA: 3.1 Fonte das Pedras, 3.2 Fonte da Olaria, 3.3 Fonte da Salina (na bibliografia consultada, não foi possível identificar sua localização), 3.4 Fonte do Gavião, 3.5 Fonte da Telha,

3.6 Fonte do Açougue, 3.7 Fonte do Apicum, 3.8 Fonte do Bispo, 3.9 Fonte do Mamoim, 3.10 Fonte do Marajá e 3.11 Fonte do Ribeirão.

4 FONTE DAS PEDRAS

4.1. Histórico

Está localizada na rua Antônio Rayol, ladeada pelas ruas da Inveja e do Mocambo, e tendo ao fundo a rua das Crioulas, no local da antiga fábrica Santa Amélia. (VER ANEXO I p. 67)

A data de sua construção é imprecisa. Foi construída pelos holandeses quando possuíram a cidade (1641-1643). Foi a primeira fonte a ser edificada na cidade. Segundo o Pe. José de Moraes a obra é “excelente e bem fundada” (MORAES, 1995, p.91) e por causa da qualidade de suas águas era muito disputada. O lugar onde foi edificada é histórico, porque, em 31 de outubro de 1615, Jerônimo de Albuquerque acampou com suas tropas junto à nascente dela, na luta que resultou na expulsão dos franceses. Em 1762, ela já dava os primeiros sinais de ruína. Em 1774, o governador Joaquim de Melo e Póvoas recomendava ao Senador da Câmara Municipal que protegesse aquela fonte em função dos vândalos que se irritavam quando a fonte estava sem água e tinham que buscar água em outras localidades.

Em requerimento da Câmara de São Luís, de 1818, devido ao agravamento dos problemas de abastecimento de água, recomendou-se que não fossem cortadas as árvores das imediações da fonte. Essa fonte foi muito importante para o abastecimento de água da cidade, pois durante muito tempo foi a única e a de melhor qualidade disponível à população, além de ser a única que contribuiu para aguadas de navios.

A fonte sofreu algumas modificações na gestão do último governador colonial do Maranhão, o Marechal-de-Campo Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca (1819-1822), como relata MORAES: “... das obras que deram à Fonte das Pedras as características que ainda hoje tem: frontão de alvenaria, calçamento, galerias subterrâneas, bicas e carrancas. Tudo no melhor estilo colonial português, como indicado logo no portão de entrada, por um escudo de bronze com as lusitaníssimas cinco quinas.” (MORAES, 1995, p.92) Segundo MARQUES, em 1832 a Câmara pediu ao Engenheiro José Joaquim Rodrigues Lopes um plano sobre o tanque da fonte, para que as águas que saíssem das suas bicas não ficassem ali estacionadas. A Fonte das Pedras teve como primeiro proprietário o Patrimônio Público e como segundo proprietário a firma Cotonifício Cândido Ribeiro e Serrano & Companhia. Em 27 de julho de 1950, o Cotonifício conseguiu comprar da prefeitura o restante do terreno no qual ficava a fonte, exatamente o local em que se localizava a antiga Fábrica de Tecidos Santa Amélia. O terreno foi murado, ficando assim a fonte fechada à visitação. Hoje a fonte pertence ao Patrimônio Municipal e encontra-se muito deteriorada.

4.2. Características Arquitetônicas

Em estilo Colonial Português, sua fachada é composta por quatro pilastras encimadas no entablamento, que suportam frontão triangular de perfil ondulado, centrado por um coruchéu. Possui cinco carrancas, em pedra de lioz, funcionando em nível inferior, por onde escoam as águas, vindas de suas nascentes, para um tanque também revestido com grandes pedras de cantaria. Essa fonte é dotada de galerias capazes de captar água de mais de uma nascente.

FOTO 3 – Fachada Fonte das Pedras



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

FOTO 4 – Tanque Fonte das Pedras



Fonte: Arquivo Próprio, 2005.

O terreno onde está localizada a fonte é composto por um jardim com vegetação de várias espécies. Este jardim é protegido por um muro com grades e portão brasonado, também em estilo colonial. Existem ainda algumas espécies de peixes no tanque que recebe a água que escoam das carrancas.

FOTO 5 – Jardim Fonte das Pedras



Fonte: Arquivo Próprio, 2005.

FOTO 6 – Portão de Entrada Fonte das Pedras



Fonte: Arquivo Próprio, 2005.

4.3. Restaurações e Reformas

Segundo o livro Monumentos Históricos do Maranhão, p. 104, a fonte das Pedras sofreu as seguintes intervenções:

- 1760 – primeira providência de beneficiamento da fonte;
- 1832 – 26 de janeiro – O engenheiro maranhense José Joaquim Lopes organizou um plano sobre o imóvel: traçou a forma atual da fachada e o tanque de recolhimento das servidas.
- – Mais tarde recebe conserto no cano interior e colocação de lajes caídas. È provável que a canalização da fonte tenha sido executada pelos holandeses.

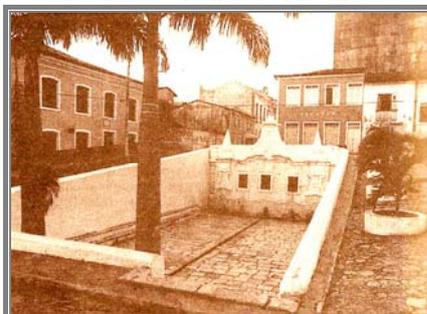
- 1932 – Reforma do piso com desvio das águas em diagonal.
- 1950 – Cotonifício Cândido Ribeiro e Serrano & Cia. demoliram 3 das 5 torres de aeração e penetração de luz existente, substituindo-as por canos de ferro, para dar acesso aos veículos que circulavam no pátio interno da fábrica. Na época, foi também erguido um muro cercando todo o terreno, inclusive a Fonte, ficando esta vedada à visitação pública.
- 1961 – Foi efetuada campanha pública para restauração do monumento que, em estado lastimável, requeria reparos e utilização por parte do povo.
- 1975 – Substantial reforma e entrega à população, após levantamento do muro de proteção com grades e portão de ferro brasonado, arborização, limpeza em geral, substituição das biqueiras, por novas, de bronze, doadas pela CEMAR – (Centrais Elétricas do Maranhão).

5 FONTE DO RIBEIRÃO

5.1. Histórico

Está localizada entre as ruas paralelas dos Afogados e das Barrocas, tendo por lateral a rua do Ribeirão. Foi construída em 1796, a mando do Tenente-Coronel D. Fernando Antônio de Noronha, português do conselho de sua majestade, que governou o Maranhão entre 1792/98, tendo em vista a necessidade de saneamento do sítio do Ribeirão e melhoria das condições de uso de água naquela localidade. O Capitão José Luís da Rocha, responsável pela fiscalização da obra da nova fonte, solicitava ao Governador D. Fernando de Noronha que comprasse um terreno no sítio do Ribeirão, terreno este que prejudicava com impurezas as águas da futura fonte. (MARQUES, 1970, p.280) e foram procedidas obras cujos gastos com pedra de cantaria ficaram na ordem de 327:200\$00 (trezentos e vinte e sete mil e duzentos réis), que foram encomendadas a Lisboa. Em 13 de agosto de 1796, já se encontrava a obra da fonte em adiantado estado. As obras de construção da Fonte do Ribeirão foram concluídas ainda em 1796, beneficiando toda a população residente nos bairros do Ribeirão, Largo do Carmo e imediações com água potável durante duas décadas, quando a fonte entra em processo de arruinamento por falta de cuidados das autoridades encarregadas de sua manutenção. Acredita-se que desde sua construção foi edificada com as dimensões e características que ainda hoje apresenta.

FOTO 7 – Fonte do Ribeirão



Fonte: MORAES, 1995, p.94

Por causa do estado de abandono em que se encontrava a Fonte, em 1832 a Câmara Municipal solicitou do Engenheiro José Joaquim Rodrigues um projeto de reforma no lajeado de cantaria. (IPHAN, 1999, p.4)

Devido ao descaso com que as fontes eram tratadas, não havendo manutenção constante, a Fonte do Ribeirão em 1866 apresentava novamente arruinamento, agravado pela ação constante das pesadas chuvas que caíam em São Luís, levando o Diretor de Obras Públicas do Maranhão, Fernando Luís Ferreira, a solicitar recursos do Presidente da Província para recuperação da fonte. No entanto, foi a que melhor resistiu ao tempo e ao abandono. Hoje encontra-se bem mais conservada que a Fonte das Pedras, porém precisando de segurança, manutenção e de alguns reparos.

5.2. Características Arquitetônicas

A fonte do Ribeirão representa inestimável herança da arquitetura colonial. Encontra-se em um pátio revestido de pedra de cantaria, protegida por uma murada quadrangular, em alvenaria. Ao fundo, sua fachada é composta por duas pilastras laterais ornamentadas com frisos e encimadas por coruchéus simples de alvenaria. Estas pilastras apóiam um entablamento encimado por frontão decorado com símbolos pagãos e cristãos, contendo no topo uma estátua de Netuno em pedra.

FOTO 8 – Fachada Fonte do Ribeirão



Fonte: Arquivo Próprio, 2005.

FOTO 9 – Frontão Fonte do Ribeirão



Fonte: Arquivo Próprio, 2005.

A estátua de Netuno, após resistir durante dois séculos às criminosas mutilações dos malfeitores, amanheceu totalmente destruída no dia 10 de abril de 1995.

A escultura do Netuno, além fragmentada, encontrava-se também degradada estética e fisicamente em decorrência de vários fatores, como: longa exposição ao ataque do dióxido de carbono liberado pelos veículos, responsável pelo aparecimento da chamada crosta negra, pela ação combinada dos agentes meteorológicos, água, temperatura, vento, etc. Após processo licitatório realizado pela 3ª SR/IPHAN, a firma vencedora, Angra Arte e Restauro Ltda. iniciou a restauração da escultura em junho de 1999, adotando como critério de intervenção a premissa básica de que nenhum artista deve interferir na obra de outro artista. Considerou ainda, o fato de que tratava-se de um objeto de ornamentação pública e, não de um objeto de culto

religioso destinado à adoração. A 3ª SR/IPHAN optou pela não recomposição das partes perdidas, uma vez, que a falta desses elementos, não comprometem no todo a estética e a leitura da obra. Tal decisão, também fundamentou-se nas provas documentais que atestam a ausência dos braços e do tridente desde 1869. (IPHAN, 1999, p.13-14)

Abaixo situam-se três janelas (respiradouros) gradeadas com ferro que dão acesso às galerias. Mais abaixo existem cinco carrancas de pedra com biqueira de bronze, que servem para a passagem de água canalizada que cai em um tanque, em forma de T, revestido em pedra de cantaria, e daí para uma espécie de rego e depois pelas galerias subterrâneas escoando no sentido da antiga Praia do Caju.

FOTO 10 – Tanque Fonte do Ribeirão



Fonte: Arquivo Próprio, 2005.

5.3. Restaurações e Reformas

Segundo o livro Monumentos Históricos do Maranhão e a publicação do IPHAN (1999), a fonte do Ribeirão sofreu as seguintes intervenções:

- 1832 – Restaurada sob orientação do Engenheiro José Joaquim Rodrigues.
- 1833 – Assentamento das lajes de cantaria dispersas pelo tanque, segundo planos traçados no ano anterior.
- 1866 – Reforma completa e construção da abóbada do cano da rua do Ribeirão até o Alecrim.
- 1867 – Conclusão da cobertura do cano, implantação de grade de ferro sobre a abóbada para sorvedouro das águas empoçadas externas, e parapeito de amparo nas extremidades da referida abóbada, conforme Diário de Obras Públicas do Maranhão.
- 1869 – A estátua do Netuno perde seu tridente original, o braço esquerdo e recebe pintura inadequada com cores vivas, que depois da denúncia do jornal O Artista é retirada.
- 1920/40 – Manutenção rotineira feita sob a responsabilidade da Ulen Management Company.
- 1974 – A Prefeitura de São Luís, com recursos financeiros provenientes do Governo Federal, através do Programa de Cidades Históricas – PCH, restaura completamente a Fonte e o Sobrado nº 141 em frente à mesma.
- 1979 – Pintura e limpeza geral, sob a responsabilidade da Fundação Cultural do Estado do Maranhão.
- 1981 – Restauração realizada através de iniciativa conjunta da Prefeitura de São Luís, Maratur, Projeto da Praia Grande e 3ª Coordenação Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (3ª CR/IPHAN), resultando na limpeza das galerias, bicas e pátio interno, restauração das carrancas, pintura de toda estrutura física externa; plantio de duas palmeiras imperiais no pátio interno e colocação de pequenas pilastras ao redor da fonte para limitar o tráfego de veículos.

- 1985 – Restauração patrocinada pela Construtora Noberto Odebrecht sob a orientação da 3ª CR/IPHAN. Na ocasião, foram realizados os seguintes serviços: limpeza geral, recuperação do reboco, dos elementos decorativos em relevo, carrancas, colocação das bicas em bronze; recomposição dos degraus destruídos, do piso do pátio e do tanque com pedras de cantaria; limpeza e recuperação das galerias; agenciamento do entorno, com a retirada do estacionamento ao norte da Fonte, alinhamento dos blocos de pedras de cantaria existentes no local com as fachadas dos prédios à rua das Barrocas, permitindo assim melhor fluxo e utilização por parte dos pedestres. Completando os serviços, foi executada a pintura geral das alvenarias após raspagem e limpeza das camadas anteriores.
- 1999 – A 3ª SR/IPHAN, através de processo de licitatório, contrata as empresas: Angra Artes e Restauro Ltda. para realizar a restauração dos elementos artísticos e integrados e, Correia Construções e Serviços Ltda., para a execução das obras civis.

6 ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS QUE COMPÕEM AS FONTES

Nas fachadas das Fontes das Pedras e do Ribeirão há prevalência de linhas retas com pequenas curvaturas, rigorosa simetria, regularidade, proporcionalidade e uniformidade de elementos arquitetônicos da linguagem clássica como: coruchéus, pilastras, frisos e frontão, todas essas características revelam o autêntico estilo colonial português.

6.1. Carranca

No Brasil, as carrancas primeiramente eram utilizadas na proa das embarcações que navegavam pelo rio São Francisco, hoje fazem parte da arte popular, sendo vendidas em feiras e lojas de artesanatos, têm feições animais ou humanas, sempre de formas agressivas como caretas, pondo medo em que as vê. Acredita-se que essas caras feias têm o poder de afastar criaturas com má intenção.

Cara ou cabeça, em geral disforme, de pedra, madeira ou metal, usada como ornamentação. Comumente adorna bicas de CHAFARIZ, GÁRGULAS ou ALDRAVAS de portas. É também chamada carantonha. (ALBERNAZ e LIMA. 2000, p. 126)

Cabeça esculpida em forma animal ou humana para afastar maus espíritos; nas casas, nas igrejas românicas, nas pias batismais. (KOCH. 2001, P.143)

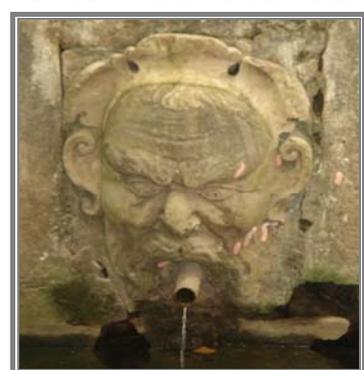
- Carrancas Fonte das Pedras - na Fonte das Pedras existem cinco carrancas em pedras de cantaria com biqueiras de bronze, todas baseadas em formas humanas.

FOTO 11 - Carranca Forma Humana



Fonte: Arquivo Próprio, 2005.

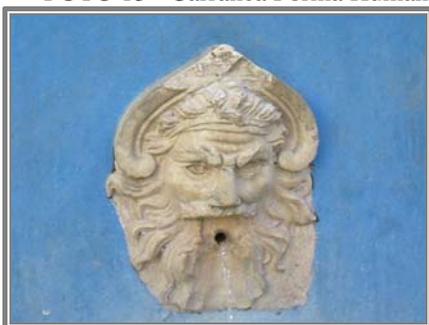
FOTO 12 - Carranca Forma Humana



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

- Carrancas Fonte do Ribeirão - na Fonte do Ribeirão existem cinco carrancas também em pedras de cantaria com biqueiras de bronze, duas baseadas na forma animal que lembra um peixe e as outras três baseadas na forma humana.

FOTO 13 - Carranca Forma Humana



Fonte: Arquivo Próprio, 2005.

FOTO 14 - Carranca Forma Animal



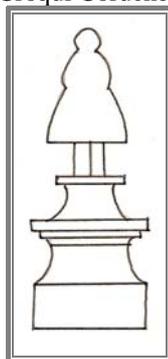
Fonte: Arquivo Próprio, 2005.

6.2. Coruchéu

Arremate ornamentado no COROAMENTO do edifício, usualmente com forma cônica, piramidal ou octogonal. Foi utilizado principalmente em edificações antigas providas de TORRES ou FRONTÕES, sobretudo em igrejas. Nestes prédios é em geral feito de pedra. É também chamado pináculo. (ALBERNAZ e LIMA. 2000, p. 188)

- Coruchéu Fonte das Pedras - o coruchéu em pedra de cantaria fica centrado no frontão triangular de perfil ondulado.

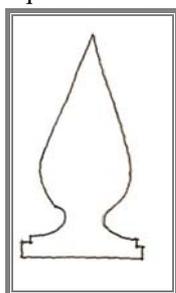
Croqui Coruchéu



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

- Coruchéu Fonte do Ribeirão - o coruchéu dessa fonte é bem simples, de alvenaria e em formato piramidal.

Croqui Coruchéu



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

FOTO 15 – Foto Coruchéu



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

6.3. Estátua

Escultura colocada no interior ou no exterior de um edifício, em estreita conexão com a sua estrutura arquitetônica. Verdadeiras decorações (p. ex., os frisos) ou elementos estruturais plásticos (meias-colunas, rendilhados, etc.) pertencem ao ornato, mas não devem ser confundidas com a representação figurativa, que se apresenta tanto na forma de estátuas quanto na de relevos. (KOCH. 2001, p.141)

- Estátua de Netuno da Fonte do Ribeirão - a estátua de Netuno, Deus do Mar, da Fonte do Ribeirão é feita em pedra de cantaria e encontra-se em cima do frontão. Netuno, Deus da mitologia romana, senhor dos mares e das águas correntes.

FOTO 16 – Estátua de Netuno



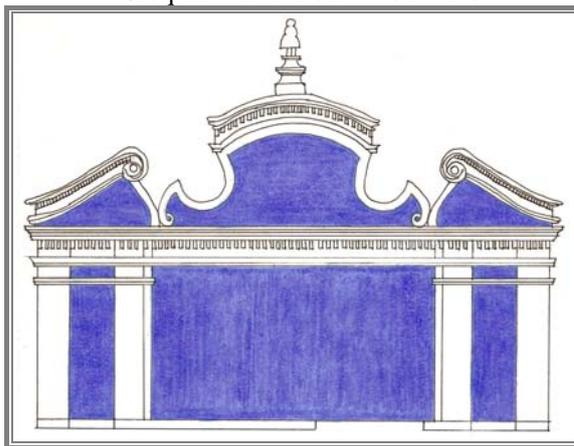
Fonte: Arquivo Próprio, 2005.

6.4. Estilo Colonial Presente nas Fachadas das Fontes

Arquitetura predominante nas edificações urbanas do período colonial. Caracteriza-se pela horizontalidade dos prédios, utilização de telhados com coberturas de telha cerâmicas e amplos BEIRAIS e singeleza das fachadas. (ALBERNAZ e LIMA. 2000, p. 161)

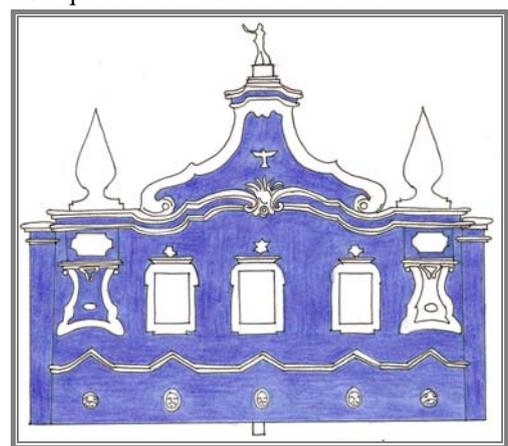
- Fachada Fonte das Pedras - em estilo Colonial Português, sua fachada é composta pilastras, frisos, frontão triangular, coruchéu, volutas e carrancas.
- Fachada Fonte do Ribeirão - a Fachada dessa fonte representa inestimável herança da arquitetura colonial. É composta por pilastras, frisos, coruchéus, estátua de Netuno, frontão e carrancas.

Croqui Fachada Fonte das Pedras



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

Croqui Fachada Fonte do Ribeirão



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

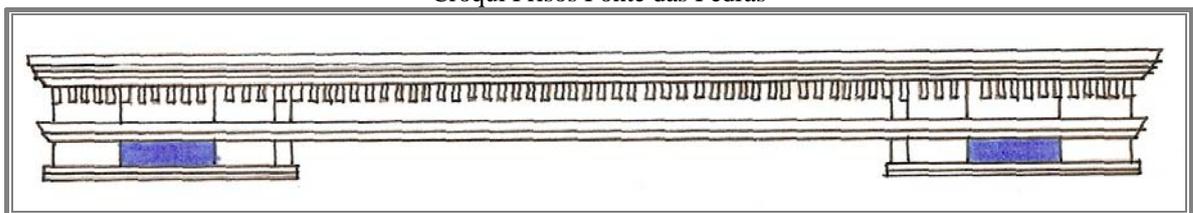
6.5. Frisos

Faixa não muito larga, disposta no sentido horizontal, usada principalmente na parte superior de paredes externas e internas. Possui muitas vezes pinturas, ornamentos esculpidos ou inscrições. (ALBERNAZ e LIMA. 2000, p. 275)

Faixa decorativa – por exemplo, ao longo do topo de uma parede interna, imediatamente abaixo da cornija, ou uma faixa esculpida na cornija de uma parede externa. (CHING. 1999, p. 212)

- Frisos da Fonte das Pedras - os frisos da fonte são simples e sua configuração é em linhas retas.

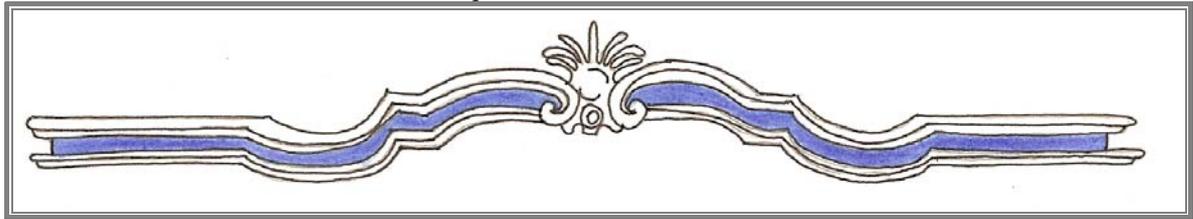
Croqui Frisos Fonte das Pedras



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

- Frisos Fonte do Ribeirão - bem mais trabalhado que o da fonte das Pedras, o friso é em perfil ondulado.

Croqui Frisos Fonte do Ribeirão



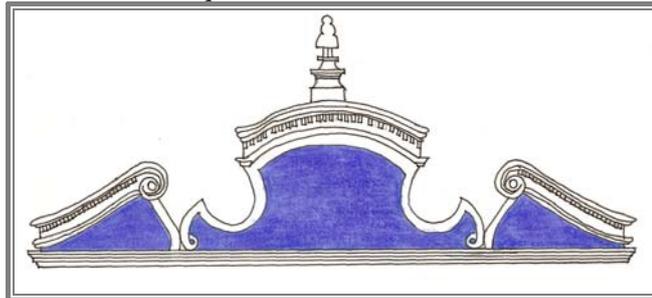
Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

6.6. Frontão

Elemento de coroamento da fachada em forma triangular, aproximadamente triangular ou em arco de círculo, situado na parte superior do edifício ou de parte da edificação ou sobre PORTAIS, PORTADAS ou PORTÕES. Originalmente tinha como função arrematar externamente os telhados de duas águas, decorrendo daí sua forma triangular. Através do tempo tornou-se um elemento essencialmente decorativo, sua forma original triangular sofreu alterações e sua localização na fachada tornou-se arbitrária. É composto por CIMALHA, a base horizontal, EMPENAS, os lados inclinados, e TÍMPANO, a superfície central limitada pelas outras duas partes. Com formas variadas foi muito utilizado no coroamento superior central das fachadas de antigas igrejas. (ALBERNAZ e LIMA. 2000, p. 276)

- Frontão Fontes das Pedras - o Frontão é composto por frisos, volutas e encimado por um coruchéu em pedra de cantaria.

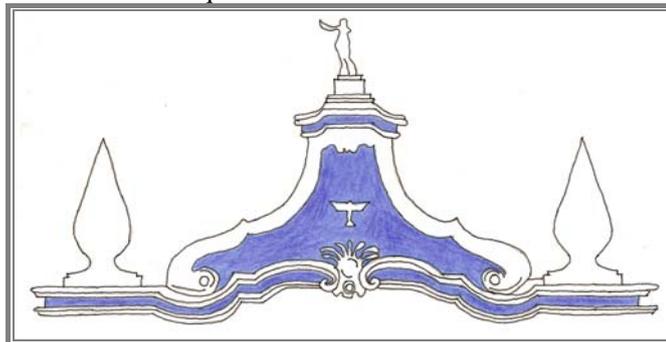
Croqui Frontão Fonte das Pedras



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

- Frontão Fontes do Ribeirão - composto por dois coruchéus laterais, frisos ondulados, volutas e encimado em seu centro pela estátua de Netuno.

Croqui Frontão Fonte do Ribeirão



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

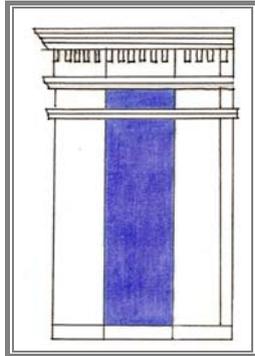
6.7. Pilastra

Elemento decorativo, com a forma de um PILAR, frequentemente de seção retangular ou quadrada, semi-embutido no paramento da parede. Em geral, é utilizado nas fachadas, dividindo-as em panos verticais. Em construções antigas é usualmente dividida em BASE, FUSTE e CAPITEL, muitas vezes acompanhado uma ORDEM arquitetônica, principalmente em prédios NEOCLÁSSICOS. Quando está situada na quina do edifício é chamada CUNHAL. (ALBERNAZ e LIMA. 2000, p. 470)

Pilar que sobressai um pouco da parede. Dividido, como a coluna, em base, fuste, capitel e/ou arquitrave; às vezes canelado e ornado. Funções: reforço de paredes, estruturação de paredes, suporte de entablamento, cornijas de portais e janelas. (KOCH. 2001, p.195)

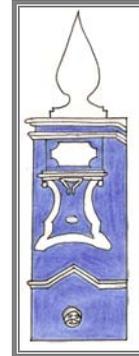
- Pilastras Fonte das Pedras - a fachada é composta por 4 pilastras, sendo duas de cada lado da fonte. Essas pilastras são de formas bem simples, em linhas retas e sem muito ornamento.
- Pilastras Fonte do Ribeirão - bem trabalhadas e ricas em elementos decorativos, as duas pilastras da fonte são encimadas por um coruchéu simples de alvenaria.

Croqui Pilastra Fonte das Pedras



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

Croqui Pilastra Fonte do Ribeirão



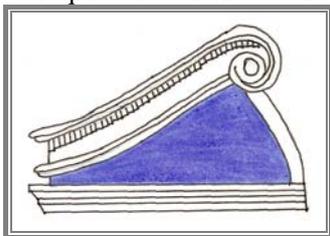
Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

6.8. Volutas

Ornato de forma espiralada. Frequentemente é encontrada em capitéis de coluna ou no coroamento de frontões. É a característica principal do capitel da coluna jônica. Na arquitetura clássica, o pequeno disco onde tem início a voluta é chamado olho da voluta e a sua espiral é também chamada enrolamento. (ALBERNAZ e LIMA. 2000, p. 665)

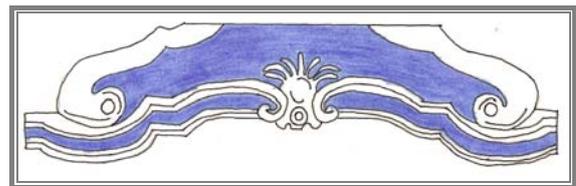
- Volutas Fonte das Pedras - estão no frontão da fonte, junto com outros elementos de decoração.
- Volutas Fonte do Ribeirão - também encontradas no frontão da fonte, junto com outros elementos.

Croqui Volutas Fonte das Pedras



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

Croqui Voluta Fonte do Ribeirão



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

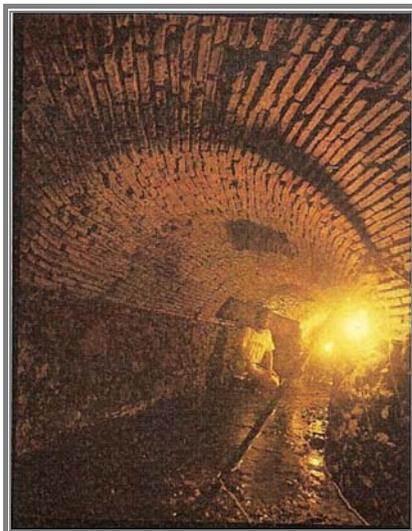
7 GALERIAS SUBTERRÂNEAS

São Luís originou-se na confluência dos rios Anil e Bacanga, local onde hoje é o Centro Histórico e seus bairros centrais. O terreno é muito acidentado e rico em lençóis freáticos, o que facilita o surgimento de nascentes de águas nas partes mais baixas. A formação dessas nascentes se dá pelo acúmulo de água nas cavidades subterrâneas do solo.

Sob o Centro Histórico de São Luís existem centenas de metros de galerias subterrâneas, que chegam a medir dois metros de altura por 1,5 metro de largura; são galerias que servem para captação de água potável, decorrentes das muitas nascentes que existiam nesta área, hoje reduzem-se a poucas, como: a da Fonte das Pedras, a do Ribeirão, da Rua do Alecrim (próxima ao palácio dos Esportes) e Fonte do Bispo. Devido a expansão da cidade, muitas desapareceram para dar lugar a ruas e casas deste Centro. (ALBUQUERQUE, 1995, p.40)

Essas galerias se classificam em galerias de escoamento de águas pluviais. A maioria delas se localizam na Praia Grande e foram construídas por causa do alto volume das chuvas na cidade no período de janeiro a junho e ainda as galerias de captação de água potável, que para esta pesquisa são as que mais interessam, pois são as galerias da Fonte das Pedras e do Ribeirão.

FOTO 17 – Galerias Subterrâneas Centro de São Luís



Fonte: ANDRÉS, 1998, p.72.

Existe a hipótese de uma outra rede de galerias subterrâneas, que ligariam as igrejas históricas, mas nunca foi comprovada a existência dessas galerias, sendo considerada uma lenda popular.

“... galerias subterrâneas na cidade, que seriam os túneis subterrâneos que ligariam às igrejas históricas entre si, e seriam utilizadas pelos padres para irem de uma igreja a outra ou ainda para fuga dos mesmos, quando perseguidos politicamente no período pombalino. Serviriam também para fuga de escravos. Na verdade, não se conseguiu provar a existência de tais galerias. A única pista encontrada, foi na Igreja do Desterro, a qual possui uma abertura curiosa muito parecida com um túnel, mas foi vedada.” (ALBUQUERQUE, 1995, p.41)

7.1. Galerias Subterrâneas da Fonte das Pedras

A galeria dessa fonte localiza-se no terreno atrás da fonte, que antigamente pertencia à Fábrica Santa Amélia e hoje é de propriedade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Existe nos fundos da fonte uma pequena construção. Penetra-se nela com o auxílio de uma escada de madeira. Chega-se a até às galerias subterrâneas com formas ogivais. Em decorrência das inúmeras nascentes de água ali existentes, foram construídos dois túneis que se ligam; um que vem da cúpula das torres que se localizam próximo ao prédio da hoje extinta Fábrica Santa Amélia; e outro sob a fachada do chafariz, sendo este mais longo; os dois túneis formam uma espécie de “T”, e totalizam um extensão que vai além das cavidades por onde jorra água até os diques laterais do túnel, chegando aos nichos através dos dois ladrões existentes em cada lado dos diques transversais, de onde cai água para os canos das cinco carrancas. (BRASIL, 1979, p.104)

No terreno da fonte existe um portão de acesso a essa galeria, porém ele se encontra fechado e isolado devido ao desaparecimento da chave.

FOTO 18 – Portão de Acesso a Galeria da Fonte

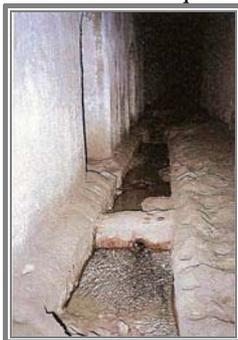


Fonte: Arquivo Próprio, 2005.

O acesso à galeria subterrânea dessa fonte hoje só pode ser feito através de autorização dos responsáveis por sua proteção. Valéria Albuquerque, em visita realizada à galeria subterrânea dessa fonte para o seu trabalho de monografia, relata em detalhes como teve acesso a essa galeria e descreve ainda todas as dimensões e formas. Com todas as informações obtidas, ela elaborou um croqui da galeria da fonte.

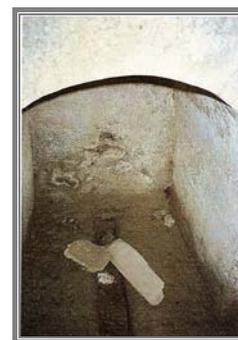
Na Fonte das Pedras o acesso é feito pelo terreno da antiga Fábrica Santa Amélia, que se localiza atrás do paredão da fonte. O acesso à galeria pode ser feito através das três das cinco aberturas existentes no local (as outras duas, uma encontra-se vedada e a outra é uma das torres que não permite acesso). Faz-se necessária também a ajuda de uma escada – que é colocada no interior da galeria através de um dos respiradouros – além de botas, iluminação artificial e outros. A galeria subterrânea da Fonte das Pedras é composta por dois túneis que se ligam; um parte sob a torre, próxima ao prédio da antiga Fábrica Santa Amélia, e outro sob a fachada do chafariz, até próximo ao reservatório de água natural existente no quintal da fábrica, sendo este (túnel) mais longo. Totalizando uma extensão de 55,08 m de comprimento, dois de altura por 1,00 a 1,05 metros de altura em trechos diferentes. Possuem em suas extremidades nascentes de água perene que passam por canaletas existentes ao longo dos túneis para os canos e daí para o tanque da fonte. (ALBUQUERQUE, 1995, p.50-51)

FOTO 19 – Pequena vala que conduz água até os nichos



Fonte: TABOSA, 2006.

FOTO 20 – Nicho



Fonte: TABOSA, 2006.

7.2. Galerias Subterrâneas da Fonte do Ribeirão

Segundo estórias contadas pela população, a galeria dessa fonte comunica-se com várias igrejas históricas dessa cidade, mas a existência dessa ligação nunca ficou comprovada.

Carlos de Lima, em seu livro Caminhos de São Luís descreve o interior dessa galeria, visitada por ele:

“...Tem sua galeria uns dois metros de largura por dois de altura, mais ou menos. De um lado e de outro possui nichos que guardam bacias de onde brota a água que,

escorrendo por dois canaletes laterais, vai despejar-se das carrancas no tanque, em baixo. Destinava-se, como muitas outras, é evidente, ao abastecimento da população, mas a lenda diz que servia à comunicação dos frades de uma igreja a outra; para ratificar esta opinião, alegam os que assim crêem a existência de outras galerias na cidade, esquecidos de que também estas foram construídas para dar vazão às águas pluviais. Todavia são as lendas, o sonho e a poesia que embelezam a vida.” (LIMA, 2002, p.173)

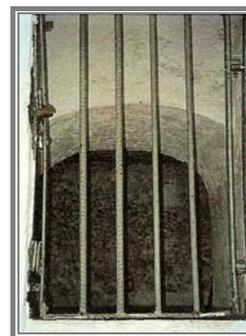
Das três janelas respiradouras existem na fachada da fonte, o acesso à galeria subterrânea pode ser feito através de uma delas, e hoje só se consegue tal acesso com a autorização do IPHAN.

FOTO 21 – Janelas respiradouras gradeadas de ferro



Fonte: Arquivo Próprio, 2005.

FOTO 22 – Janelas de acesso a galeria



Fonte: TABOSA, 2006.

Valéria Albuquerque relata o acesso a essa galeria durante sua visita em 1995.

O acesso à galeria é um tanto complicado. Ao contrário do da Fonte das Pedras, tem-se que primeiro subir com a ajuda de uma escada, passar agachado por uma das três aberturas existentes no paredão – as quais são lacradas com gradeado de ferro, e descer por outra escada, também de ferro, que se encontra fixa na parte interna da fachada e em uma espécie de calçada. No meio de ambos, existe uma caixa d'água que permite o escoamento da água pelas carrancas para o tanque externo. O respiradouro que dá acesso ao túnel é fechado por um cadeado.

A calçada interna é o ponto seguinte para a entrada do túnel; dentro deste, a visibilidade é mínima, sendo necessário o auxílio de iluminação artificial para a realização do percurso.

A temperatura ambiente é elevada, mas não chega a ser insuportável. Mesmo assim, ao longo de todo o teto, pode-se observar curiosas formações petrificadas, resultantes do acúmulo de água, condensadas pelo tempo semelhantes às estalactites encontradas em cavernas. (ALBUQUERQUE, 1995, p.53-55)

Ela descreve também as dimensões e os detalhes dessa galeria.

Esta galeria possui 79,85 metros de comprimento, chega até dois metros de altura e até 1,15 m de largura, O teto possui formato abobadado. Na parede, do lado esquerdo, existem seis poços com nascentes de águas límpidas e cristalinas, sendo que quatro estão do lado esquerdo, um no lado direito, e no final da galeria existe mais um poço com uma pequena abertura (lado direito) por onde escoar água, em tempo integral, para o poço e deste para as valas laterais, localizadas ao longo de toda a galeria.

As canaletas existentes ao longo de toda a galeria, já citadas, recebem a água dos poços laterais, levando-a até a caixa d'água que sai pelas carrancas.

Os poços são separados da galeria por pequenos túneis, que medem de 2,20 a 3,80 m de comprimento por 1,15 m de largura e aproximadamente 1,15 m de altura; são cortados por valas que ligam às canaletas laterais da galeria, que recebem as águas desses poços; suas paredes também têm o formato abobadado. Três desses poços são redondos e três são quadrangulares. (ALBUQUERQUE, 1995, p.55-57)

7.3. Lendas que envolvem essas edificações

É impossível se falar de fontes de água e galerias subterrâneas em São Luís sem citar as lendas que envolvem essas edificações. Se pararmos para conversar com qualquer morador antigo que habita a área do centro histórico, eles contam em detalhes essas estórias e admitem com convicção que esses fatos são reais.

Em São Luís existem várias lendas que são transmitidas por gerações, porém em nosso estudo vamos citar apenas duas que estão relacionadas às fontes e galerias subterrâneas.

- Lenda da Serpente – “Ao redor da Ilha de São Luís haveria uma descomunal serpente sempre a crescer, até que um dia sua cauda alcance a cabeça. Na ocasião em que tal acontecer, o monstro reunirá todas as suas forças para, num abraço estupendo, comprimir a porção de terra envolvida, provocando o completo desaparecimento de São Luís, que será tragada pelo oceano.” (MORAES. 1995, p.143)

Segundo Moraes, Josué Montello, em seu romance *Os degraus do Paraíso*, apresenta outra versão desta lenda, que diz:

Mas, de repente, ao atravessar a rua que desce para o mar, alongou o olhar à direita, procurando a Fonte do Ribeirão. Lá estava ela, com seu muro circundante, à distância de uma quadra. Susteve o passo, com a curiosidade mais viva. Ali se escancaravam as bocas do subterrâneo onde morava a serpente de que Morena lhe falara, não fazia muito tempo: “Uma serpente enorme, Téo: a cauda da bicha está na igreja de São Pantaleão, a barriga na igreja do Carmo e a cabeça na Fonte do Ribeirão. Um dia, quando eu era pequena, o papai me levou até lá, vi a cabeça do monstro a espirar a gente por trás da grade de uma das bocas da fonte. Fiquei com um medo tão grande que até hoje me arrepio toda, só de lembrar aquela boca aberta, com uma língua muito comprida e vermelha saindo do meio dos dentes”. (MORAES. 1995, p.144)

- Lenda das Galerias Subterrâneas que ligariam as igrejas históricas – “Dizem que as galerias serviam de comunicação entre várias igrejas locais e os padres utilizavam-se delas para dar um toque sobrenatural às missas, começando um sermão na igreja do Carmo ou das Mercês e logo, outro, na igreja de Santo Antônio, pois iam em desabalada carreira de uma a outra através das galerias. Afirma-se, ainda, que as galerias serviam para o comércio ilegal de escravos, quando da proibição do tráfico negreiro; eventuais fugas dos membros das Ordens Religiosas perseguidas; e que constituíam parte de um grande labirinto escavado pelos padres jesuítas na época da colônia. (IPHAN, 1999, p.6)

8 FONTES NOS DIAS ATUAIS

Hoje as fontes são elementos de notável mérito arquitetônico, urbanístico, paisagístico e artístico, tombadas pelo IPHAN. A Fonte do Ribeirão foi tombada pelo IPHAN em 1950, representando estimável herança do nosso passado colonial, registrada no livro de “Belas-Artes; Volume: 01, Folha: 076, Inscrição: 385, Data: 14/07/1950”. (IPHAN, 2006)

A Fonte das Pedras foi tombada pelo IPHAN em 1963, registrada no livro de “Belas-artes; Volume: 01, Folha: 086, Inscrição: 472; Data: 12/07/1963”. (IPHAN, 2006)

Não temos dúvida de que as fontes tiveram grande importância para o abastecimento de água da nossa cidade. Mas como podemos ver ao longo da nossa pesquisa, elas sempre foram tratadas com muito desprezo e descaso pelos órgãos responsáveis por sua conservação e

prevenção. Mesmo sendo tombadas pelo IPHAN, o que representa possibilidade de preservação e conservação desse acervo de grande importância no passado, isso não garante às fontes a segurança necessária para não serem depredadas. O sério estado de abandono e descaso em que se encontram não impede que sejam admiradas por quem as visita.

A fonte das Pedras encontra-se em um estado mais grave do que a do Ribeirão, há muito tempo não é realizada reforma, enfrenta vários problemas; a fonte é composta de grande área arborizada, necessitando de maiores cuidados referentes à limpeza e preservação de sua ambiência. Sofre também pela falta de segurança, iluminação pública e com alagamentos nos canteiros, sem contar com a fachada que se encontra muito danificada, entre outros graves problemas.

FOTO 23 – Alagamento no jardim da fonte



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

A Fonte do Ribeirão, situada em uma área urbanizada de grande valor, precisa de cuidados referentes à sua limpeza e preservação do seu entorno, bem como dos elementos que compõem a sua fachada, sendo atualmente utilizada indevidamente por mendigos que tomam banho em seu tanque, utilizam a água para lavagem de carros e o pátio como campo de futebol. Apesar de todos os problemas citados, a fonte do Ribeirão é bem mais visitada pelas pessoas do que a das Pedras. Como exemplo, em visita realizada em um sábado de manhã, encontramos no local um grupo de turistas auxiliados por um guia.

FOTO 24 – Grupo de Turista na Fonte



Fonte: Arquivo Próprio, 2006.

8.1. Resultados da entrevista realizada

Foram realizadas entrevistas com a população ludovicense para sabermos se ela tem conhecimento da existência das fontes de água em São Luís e para analisarmos se esses Monumentos Históricos são visitados frequentemente pela população. Os resultados encontram-se abaixo:

Quando perguntamos se tinham conhecimento da existência das fontes na cidade de São Luís, todos os entrevistados responderam que sim, já tinham ouvido falar sobre as fontes.

As fontes mais conhecidas são as que existem até hoje: Fonte do Ribeirão e das Pedras. A maioria dos entrevistados tem conhecimento do histórico das fontes na cidade de São Luís. Quanto à importância das fontes, 46% das pessoas acham que as fontes são importantes por causa do seu passado histórico. Mas apesar de considerarem as fontes monumentos históricos muito importantes e pontos turísticos muito bonitos, elas são muito pouco visitadas pela população. Para a maioria dos entrevistados as fontes não possuem nenhuma utilidade no seu dia-dia, pois são locais que não possuem atrativos e são locais inseguros.

Quando perguntadas se acham importante preservar essas edificações, todas as pessoas responderam que sim, pois consideram essas edificações importantes monumentos históricos e que devem ser preservados por toda relevância que tiveram no passado e por hoje em dia serem importantes pontos turísticos da capital.

Quanto à necessidade de uma assistência governamental mais presente, a maioria dos entrevistados concordaram que as fontes necessitam dessa assistência, pois esses monumentos encontram-se totalmente abandonados, não sendo realizados reparos e nem reformas há algum tempo. Os entrevistados têm consciência da falta de assistência governamental, e que essa assistência deveria acontecer de forma a proporcionar limpeza, iluminação pública que quase não existe, vigilância, pois um dos maiores problemas enfrentados pelas fontes é a falta de segurança, além de projetos de reforma, revitalização e recuperação, porque tanto a Fonte das Pedras quanto a do Ribeirão encontram-se abandonadas e sem condições de proporcionar um uso prazeroso as pessoas que a visitam.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o início do século XIX, São Luís enfrenta sérios problemas de abastecimento de água. De um lado as companhias de água tentando se instalar e fornecer água encanada à população, do outro os sistemas primitivos de abastecimento feitos pelos aguadeiros e negociantes e a própria população indo diretamente as bicas, nascentes e fontes, sendo que esse auto-abastecimento estava agravado pela degradação das fontes. As fontes como meio de

abastecimento foram de grande importância social, principalmente para a população mais pobre, pois a maioria era pública, sendo o abastecimento através delas mais barato. Foram construídas com a finalidade principal de abastecimento de água a população, mas nem por isso eram bem conservadas, não se realizam reformas - com isso elas foram se deteriorando. Com o desenvolvimento da cidade foram desaparecendo e as suas nascentes foram secando e sendo poluídas por esgotos. Hoje a grande maioria não existe mais.

No nosso estudo destacamos a Fonte das Pedras e do Ribeirão por serem as únicas que conseguiram resistir a todos os problemas, hoje não contribuem mais com o abastecimento de água, mas são importantes pontos turísticos da capital e monumentos históricos tombados pelo IPHAN. Estão inseridas no roteiro turístico de São Luís, por seu passado histórico e pela riqueza de elementos arquitetônicos que compõem suas fachadas, todos no autêntico estilo tradicional português. Mesmo não estando bem conservadas, fazem parte desse roteiro turístico, são muito admiradas por quem as visitam, porém tanto os turistas quanto os moradores tem consciência de que deveriam ser bem conservadas e tratadas com mais interesse pelos órgãos responsáveis por sua preservação e conservação.

A Fonte do Ribeirão foi a que melhor resistiu ao tempo, estando hoje mais bem conservada. Mas, enfrenta alguns problemas como o uso indevido do espaço por uma parte da população. Porém, seu espaço é bem agradável e mais frequentado.

A Fonte das Pedras encontra-se muito deteriorada, necessitando de uma ação emergencial, enfrenta sérios problemas de depredação da sua fachada e de seus elementos arquitetônicos. O jardim ao redor da fonte encontra-se muito abandonado, seu espaço não é nada agradável aos olhos de quem à visita, sendo um lugar perigoso e mal conservado.

Temos consciência da importância desses monumentos históricos para a sociedade ludovicense, mas é preciso que se faça algo logo, pois não podemos deixar que esse patrimônio riquíssimo se perca. As instituições que cuidam da conservação e preservação desses monumentos também tem essa consciência e estão tomando as medidas necessárias para recuperação, já existem projetos de reformas e restauração que estão em fase de aprovação.

Para concluir, este trabalho nos despertou para o conhecimento histórico das fontes de água em São Luís, especialmente a das Pedras e do Ribeirão, e também para proteção e recuperação desse patrimônio histórico importantíssimo para a nossa cidade. Sabemos que nosso estudo não está completo, mas, se torna relevante pela ausência de estudos sobre as fontes históricas em São Luís. Queremos com essa pesquisa também despertar o interesse de

outros estudiosos para esse tema de grande importância para a conservação da nossa história, pois, só tendo conhecimento desse passado histórico e da riqueza desse patrimônio podemos exigir e contribuir para recuperação desses monumentos.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. Dicionário Ilustrado de Arquitetura. 2. ed. São Paulo: ProEditores, 2000.

ALBUQUERQUE, Valéria Costa. Galerias Subterrâneas do Centro Histórico de São Luís do Maranhão. 1995. 113 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1995.

AMARAL, José Ribeiro do. O Maranhão Histórico – Artigos de jornal (1911-1912). São Luís: Instituto Geia, 2003.

ANDRÉS, Phelipe de Carvalho Castro. Centro Histórico de São Luís – Maranhão: Patrimônio Mundial. São Paulo: Audichromo Editora, 1998.

BENS TOMBADOS FONTE DAS PEDRAS E DO RIBEIRÃO. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br> > Acesso em 22 jun. 2006.

BRASIL, Governo Federal. Constituição Federal de 5 de outubro de 1988. Brasil, 1988.

BRASIL, Governo Federal. Decreto-lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 – Organiza a Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico. Brasil, 1937.

BRASIL, Ministério do Interior. Fundação Projeto Rondon. Monumentos Históricos do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1979.

BRASIL, Roteiros Turísticos Fiat. Folha de São Paulo 1ª ed. São Paulo: Copyright, 1995 p. 98-99. Vale a Pena Ver: Galerias Subterrâneas.

CASTRO, Sonia Rabelo de. O Estado na preservação de bens culturais: o tombamento. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

CHING, Francis D. K. Dicionário Visual de Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CRUZ, Ernesto. Igrejas e Sobrados do Maranhão São Luís e Alcântara. Rio de Janeiro: Livro de Portugal S.A ,1963.

FONTES, Públicas. O Imparcial. São Luís, 21 de abril de 1992.

FONTES, das Pedras Prestes a Desabar. O Imparcial. São Luís, 17 de fevereiro de 1984.

IPHAN, 3ª SR/IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Fonte do Ribeirão Memória e Restauro. São Luís, 1999.

KOCH, Wilfried. Dicionário dos Estilos Arquitetônicos. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIMA, Carlos de. Caminhos de São Luís Ruas, Logradouros e Prédios Históricos. São Paulo: Siciliano, 2002.

MARQUES, César Augusto. Dicionário Histórico – Geográfico da Província do Maranhão. 1ª ed. São Luis, 1870.

MARQUES, César Augusto. Dicionário Histórico – Geográfico da Província do Maranhão. 3ª ed. São Luis, 1970.

MARTINS, Ananias Alves. São Luís fundamentos do patrimônio cultural – séc. XVII, XVIII e XIX. São Luís: SANLUIZ, 1999.

MEIRELES, Mário. História do Maranhão. 3ª ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

MORAES, Jomar. Guia de São Luís do Maranhão. 2º ed. São Luís: Legenda, 1995.

MOTA, Antonia da Silva; MANTOVANI José Dervil. São Luís do Maranhão no século XVII: a construção do espaço urbano sob a Lei das Sesmarias. São Luís: Edições FUNC, 1998.

PALHANO, Raimundo Nonato. A Produção da Coisa Pública Serviços Públicos e Cidadania. São Luís, 1988. (Tese de Mestrado)

PEDRAS, Tirar Leite das. O Imparcial. São Luís, 30 de julho de 2000.

RIBEIRO JUNIOR, José Reinaldo Barros. Formação do Espaço Urbano de São Luís: 1612-1991. 2ª ed. São Luís: FUNC, 2001.

SERRA, Astolfo. Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão. São Luís.

SILVA FILHO, Olavo Pereira da. Arquitetura Luso-Brasileira no Maranhão. 2ª ed. Belo Horizonte: Projeto Documenta Maranhão 97, 1998.

TABOSA, Kellyanna Dias. Galerias Subterrâneas de São Luís: um resgate histórico. 2006. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2006.

VIEIRA FILHO, Domingos. Breve Histórico das ruas e praças de São Luís. 2ª ed. São Luís, 1971.

NOTAS:

(1) – Trabalho desenvolvido com fomento da Bolsa de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Maranhão em 2005.